



A Paróquia

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES

Ano III - N.º 15

21 DE ABRIL DE 2019



Subscreva a newsletter em
www.paroquiadetiress.org

DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João (Jo 20, 1-9)

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo que Jesus amava e disse-lhes: «Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram». Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.

Palavra da Salvação.

MEDITAÇÃO

AALEGRIADEVIVERETESTEMUNHARORESSUSCITADO



O Evangelho proclamado neste domingo de Páscoa leva-nos a contemplar a experiência do túmulo aberto que revela a seguinte mensagem à humanidade: Jesus Ressuscitou, não está aqui, venceu a morte e reinou sobre o pecado. Diante do túmulo aberto somos

chamados a viver a fé pascal e a testemunhá-la aos que ainda não acreditam.

É com grande amor e alegria que anunciamos aos quatro cantos da Terra que Cristo está vivo, ressuscitou! Esta é a razão da nossa fé, é o motivo da nossa alegria, é a esperança para a vida de cada um de nós como peregrino a caminho do homem celeste.

A experiência da ressurreição abre-nos um novo horizonte de esperança e reforça a nossa fé. Tal como Pedro, diante das ligaduras e do lençol, só temos a opção de abandonar as nossas dúvidas e a incredulidade para nos aproximarmos da presença de Jesus.

Para nós, cristãos, a ressurreição de Cristo abriu-nos horizontes largos que não só deixam ver o futuro do homem mas também iluminam o seu presente e o seu passado, porque sabemos que passámos da morte à vida. Celebrar a Páscoa é entender que necessitamos de uma passagem na nossa vida: mudar de vida e crescer no amor de Deus. Assim, precisamos desta passagem em vários níveis:

1. Da morte para a vida;
2. Do pecado para a graça;
3. Da dor e do sofrimento para a alegria;
4. Da desconfiança para a confiança;
5. Do desânimo para o ânimo;
6. Do desespero para a esperança;
7. Do ódio para o amor;
8. Da vingança para o perdão;
9. Da maldição para a bênção.

A ressurreição do Senhor convida-nos a não ficarmos parados, mas a agirmos. O discípulo amado viu e acreditou. Acreditar leva-nos a percorrer um caminho diferente de vida que ilustra o mundo com sinais e gestos concretos nos quais acreditamos. A Páscoa é missão que exige fidelidade, vigilância e humildade. Exige que vivamos a fazer o bem e sem nos deixarmos envolver pelas realidades efémeras do mundo, mas afeiçoando-nos às coisas do alto, como afirma São Paulo na segunda leitura de hoje.

Que Jesus, O Ressuscitado, nos acompanhe pelas estradas da vida. Que infunda nos corações tristes e abatidos a esperança e a paz interior. Cristo é a nossa esperança, é Ele a verdadeira paz do mundo.

DESEJO-VOS UMA SANTA PÁSCOA CHEIA DE PAZ E DE BÊNÇÃOS.

CRISTO RESSUSCITOU, ALELUIA, ALELUIA!

O vosso amigo,

Pe. Andrew Prince

AGENDA PAROQUIAL

1. A nossa oferta para a ajuda do povo moçambicano totalizou a quantia de 1.750,00€, e o dinheiro já foi encaminhado para a comunidade espiritana da Beira. Agradecemos a vossa generosidade.
2. Para vivermos da melhor forma o ano missionário, a LIAM irá realizar um ciclo de conferências missionárias na Igreja de Monte Abraão a começar no próximo dia 01 de maio às 21h30. O cartaz encontra-se no nosso quadro de avisos.

A ORAÇÃO AO SENHOR SALVA-NOS DOS NOSSOS "GETSÉMANIS" PESSOAIS

O Papa Francisco interrompeu o ciclo de catequeses sobre o Pai-Nosso para comentar as palavras de Jesus durante a Sua Paixão, na vigília do Tríduo Pascal. Na Praça de São Pedro, de um modo especial, o Pontífice refletiu sobre algumas palavras que Jesus dirigiu ao Pai durante a Sua Paixão. A primeira invocação foi feita depois da Última Ceia, quando disse: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho" e ainda "glorifica-Me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse".

Glória é amar

Pode parecer paradoxal que Jesus peça a glória ao Pai quando a Paixão está para acontecer, observou o Papa. A glória, na verdade, indica a revelação de Deus, é o sinal distintivo da Sua presença salvadora entre os homens e é o que acontece na Páscoa. "Ali, Deus finalmente revela a sua glória, que descobrimos ser de amor: amor puro, louco e impensável, para além de todo limite e medida.

"Queridos irmãos e irmãs, façamos nossa a oração de Jesus: peçamos ao Pai para retirar os véus dos nossos olhos para que nestes dias, olhando para o Crucifixo, possamos acolher a Deus que é amor. Quantas vezes O imaginamos patrão e não Pai, juiz severo ao invés de Salvador misericordioso! Mas Deus, na Páscoa, cancela as distâncias, mostrando-se, na humildade, de um amor que pede o nosso amor." Portanto, nós damos glória ao Pai quando vivemos tudo o que fazemos com amor, com o nosso coração. A verdadeira glória é a do amor, porque é a única que dá vida ao mundo, e não a glória mundana, feita de aclamação e espetáculo. No centro não está o eu, mas o outro. Ninguém se glorifica a si mesmo.

Cada um tem o seu próprio Getsémani

Depois da Última Ceia, Jesus entra no jardim do Getsémani e também ali reza ao Senhor com a palavra mais tenra e doce: «Abbà», Pai (cfr Mc 14,33-36). "Nos nossos Getsémanis, com frequência escolhemos permanecer sós ao invés de dizer 'Pai' e entregarmo-nos, como Jesus, à sua vontade, que é o nosso verdadeiro bem. O problema maior não é a dor, mas como esta é enfrentada. A solidão não oferece saída; a oração sim, porque é relação, é entrega. Quando entrarmos nos nossos Getsémanis, lembremo-nos de rezar assim: 'Pai'."

Romper o círculo do mal com o perdão

Por fim, Jesus dirige ao Senhor uma terceira oração por nós: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc 23,34). Jesus reza por quem foi malvado com Ele, no momento da dor mais aguda, quando recebia os pregos nos pulsos e nos pés. "Aqui, ao vértice da dor chega o amor, chega o perdão, isto é, o dom à enésima potência que quebra o círculo do mal.

Rezando nestes dias o "Pai-Nosso" - tema neste período das catequeses -, o Papa fez votos para que possamos pedir uma destas graças: viver para a glória de Deus, isto é, com amor. Que saibamos confiar no Pai nas nossas provações e encontrarmos no Seu abraço o perdão e a coragem de perdoar.

Papa Francisco, Audiência Geral (Vaticano, 17 de abril de 2019)

COBRIR AS IMAGENS DAS IGREJAS?

A resposta para esta questão deve ser encontrada na riquíssima arquitetura litúrgica da Igreja. As imagens são cobertas nos dias que precedem a Paixão do Senhor, mais exatamente a partir do 5.º Domingo da Quaresma. Diferentemente do Missal Romano de 1962, as rubricas do Missal de Paulo VI não preveem mais a obrigatoriedade dessa prática (cf. *Paschalis Sollemnitatis*, n. 26). Antes da reforma litúrgica do Vaticano II era obrigatório cobrir, com véus roxos, todas as cruzes e imagens expostas ao culto na igreja. No Missal Romano de S. Pio V, terminada a missa do Sábado que precedia o Domingo da Paixão (actual V Domingo da Quaresma), vinha esta rubrica: "Antes das Vésperas, cobrem-se as Cruzes e Imagens que haja na igreja. As Cruzes permanecem cobertas até ao fim da adoração da Cruz, na Sexta-Feira Santa, e as Imagens até ao Hino dos Anjos (Glória a Deus nas Alturas) no Sábado Santo". Vê-se que era um costume ligado às duas últimas semanas da Quaresma, através do qual se desejava centrar a atenção dos fiéis no mistério da Paixão do Senhor. Tudo o que pudesse desviá-la, como eram as imagens dos Santos, cobria-se.

Mais importante que a letra da rubrica, porém, é compreender o seu significado. Ao velar o crucifixo, até à Sexta-feira Santa, e as imagens dos santos, até à Vigília Pascal, a Igreja antecipa o luto pela morte de seu Senhor, incutindo nos fiéis uma mortificação à sua visão. O foco das leituras também é outro: nas primeiras semanas da Quaresma, os textos litúrgicos chamavam sobretudo à penitência e à conversão pessoais; a partir da 5.ª semana da Quaresma – que, no calendário antigo, se chamava simplesmente 1.º Domingo da Paixão -, os fiéis começam a ouvir as narrativas do Evangelho de São João, chamados a manter o olhar fixo em Jesus crucificado, não tanto com os olhos da carne, mas com os da alma. Portanto, a Igreja introduz-nos em um mistério. Neste fim de semana, as cruzes são veladas, mas, na Sexta-feira da Paixão, novamente elas são descobertas e dadas à adoração dos fiéis. Com esse gesto, os católicos, evidentemente, não adoram um pedaço de madeira mas o amor de Cristo que se manifestou na Cruz. Aproveitemos esse tempo de silêncio e sobriedade, intensifiquemos a nossa vida de penitência e meditemos sobre o infinito amor do Senhor, o qual, "amando os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (Jo 13, 1).

E o que dizem as normas litúrgicas actuais?

Uma rubrica inserida no Missal Romano de Paulo VI, depois da Missa do Sábado anterior ao V Domingo da Quaresma, diz: "O costume de cobrir as cruzes e as imagens das igrejas pode conservar-se, conforme o parecer da Conferência Episcopal. As cruzes permanecem cobertas até ao fim da celebração da Paixão do Senhor, na Sexta-Feira Santa; as imagens, até ao começo da Vigília Pascal (cf. Missal Romano actual [edição do altar], p. 206).

A grande diferença entre as rubricas dos dois Missais (de Trento e do Vaticano II) consiste no seguinte: no primeiro, cobrir as Cruzes e Imagens era obrigatório ("cobrem-se..."); no segundo deixou de o ser ("pode conservar-se o costume de cobrir...").

Secretariado Nacional de Liturgia